

PAIXÕES DO SER... E DO LADO DO ANALISTA?

“Amor, ódio e ignorância”, paixões que estão inscritas na dimensão do ser, onde os três registros simbólico, imaginário e real intervêm na dimensão da transferência. O ser é realizado por meio do progresso da palavra.

“Desafios na direção do tratamento”. Entendo a palavra desafio como aquilo que, sob transferência, torna-se um obstáculo, cristaliza o movimento próprio do sujeito em uma análise.

¿Como as paixões do ser atuam na direção do tratamento? Essa pergunta foi um convite para pensar sobre esse assunto do ponto de vista do analista.

Em “A direção do tratamento e os princípios de seu poder – Escritos 2” (1), Lacan trata das paixões do analista. Na estrutura de uma crítica aos pós-freudianos, a respeito do conceito de contratransferência e resistência, ele enfatiza que a resistência à análise não vem do paciente mas do analista e que a contratransferência nada mais é do que uma consequência de um suposto relacionamento duplo. Mas esses desvios, entre outros, nada mais são do que o efeito das paixões do analista, como um obstáculo, e que estão em relação ao ser. (Cito) 1*: “Seu medo, que não é do erro mas da ignorância, seu gosto que não é de satisfazer mas de não decepcionar, sua necessidade que não é de governar mas de estar acima”.

Ele aponta que quanto mais interessados os analistas estivermos em nosso próprio ser, menos seguros estaremos de nossas ações.

Lugar do analista. Neste texto, o mestre usa a metáfora do jogo de *bridge*, um jogo de cartas com quatro participantes. Joga-se em pares: o declarante e o morto. chama-se de morto porque não pode mover nenhuma carta sem que o parceiro, isto é o declarante, lhe diga para fazer isso. Dentre essas figuras, estou interessada em destacar a figura do morto, que Lacan diz ser o lugar do analista. Adjudica-se a ajuda desse lugar para fazer surgir o quarto jogador (aludindo ao jogo), que será o parceiro do analisando e que, para nós, é nada mais e nada menos que o Inconsciente.

(Cito) *2 “Lábios costurados, rosto fechado...” “em cujo jogo o analista se esforçará, por meio de seus lances, por fazê-lo adivinhar a mão...” Nesse lugar, o lugar do morto, é que todas as suas paixões devem acabar.

Ele usa as seguintes palavras: vínculo de abnegação, (Cito) *3 “que impõe ao analista

como uma garantia da partida na análise”. Vemos que não se trata de nenhum relacionamento duplo... nem de nenhuma compreensão...

Vínculo de Abnegação, conceito que podemos pensar propícia a posição de “a” do analista. Também refere: A doutrina do significante como uma disciplina, com a qual precisamos nos acostumar... que favorece à transferência.

Por último, o lugar do morto, que não é o mesmo que carregar o morto, o que alude a ter que assumir a responsabilidade por algo pelo qual não se é responsável.

Freud já se referia à neutralidade, à abstenção, como uma posição do analista que não tem a ver com o direcionamento do paciente. Em seu texto “Psicanálise e Teoria da libido”, ele refere-se ao lugar que o analista deveria ocupar. (Cito) (2) “O analista respeita a especificidade do paciente, não tenta remodelá-lo de acordo com seus ideais pessoais — os do médico —, e fica feliz quando pode poupar de conselhos e, em vez disso, despertar a iniciativa do analisando.

Vou com outro mestre, Héctor Rupolo. Em seu livro “Los bordes no tan simples de una carta” [As bordas não tão simples de uma carta] há um texto titulado “De la neutralidad del analista a la orientación del deseo” [Da neutralidade do analista à orientação do desejo] (3). Nele, o autor faz uma pergunta sobre o conceito de neutralidade em Freud e em relação ao ato psicanalítico de Lacan que, como um ato, está orientado “No analista. O que deve estar fora de jogo? E que deve ser jogado?” *1. As paixões do analista devem estar fora do jogo, o que não quer dizer que ele não as tenha (eu acho que o próprio Freud era um apaixonado. Ele aponta para duas vertentes. Uma delas, seguindo Freud, tem a ver com ideais: não ser guiado por seus ideais, não orientar à associação livre, são habilidades que o analista pode adquirir, por meio de seu próprio caminho, a análise de controle. O outro aspecto que deve ficar fora do jogo são as paixões do analista, e como isso é possível senão fazendo com que o desejo do analista seja jogado, a fim de transformá-lo em um verdadeiro ato psicanalítico.

Ele agrega (cito) *2: “Nesse sentido, a neutralidade do analista converge para uma orientação, a única orientação possível de uma análise: o desejo do paciente, que coincide com o desejo do analista”.

É apenas o desejo que é compartilhado com o paciente, o desejo do analista é o desejo do paciente, é o que propicia, o que dá movimento. Isso só é possível devido ao trânsito pela própria falta em ser, a castração, que torna necessário o passo repetidamente.

Nunca estamos tão a salvo de cair nos desvios imaginários que podem nos levar à direção do paciente não como uma prática, mas como um desvio. Preconceitos, ideias, que nos desviam de nossa ação de ouvir.

Finalmente, no texto da direção do tratamento, o mestre diz:

“O analista é ainda menos livre naquilo que domina a tática e a estratégia: a saber, sua política, na qual ele faria melhor em se posicionar por sua falta de ser do que por seu ser”.

Nancy Cara

Triempo, Institución Psicoanalítica

Bibliografia:

- (1) Escritos 2 – Jacques Lacan – Siglo Vientiuno Editores – Edición corregida y aumentada 1987 - “La dirección de la cura y los principios de su poder”. Pág. 565.

*1 – Apartado II - ¿Cuál es el lugar de la interpretación? Pág. 575.

*2 – Apartado I - ¿Quién analiza hoy? Pág. 569.

*3 – Apartado I - ¿Quién analiza hoy? Pág. 569.

- (2) Sigmund Freud, Obras completas. Tomo XVIII. Amorrourtu Editores: I. Psicoanálisis: Dos artículos de enciclopedia: (2) «Psicoanálisis» y «Teoría de la libido» (1923 [1922]), pág. 247.

- (3) Héctor Rupolo “Los bordes no tan simples de una carta” Semiescrito II - “De la neutralidad del analista a la orientación del deseo”. Editorial Nacal, pág 81.*1,*2

- (4) Escritos 2 – Jacques Lacan - Siglo veintiuno editores – Edición corregida y aumentada 1987 - “La dirección de la cura y los principios de su poder” pág 569.